



## A representação fragmentada do social\*

Gabriela Nóra\*\*

aluna da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

com orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Paiva\*\*\*

**Resumo:** O trabalho pretende verificar como a segmentação da informação em editorias insere-se no modelo de narrativa hegemônica e contribui para a criação e preservação de estereótipos sociais. A disposição dos textos jornalísticos em editorias facilita a leitura e a organização da informação, contudo, ela deixa explícita a dificuldade dos jornais de inter-relacionarem acontecimentos. A análise das páginas de *O Globo*, no período de outubro de 2005 a fevereiro de 2006, demonstrou que sobre os mesmos grupos sociais são geradas narrativas paralelas ou independentes, de modo que o enredo apresentado sobre uma determinada comunidade depende do Caderno no qual as matérias são publicadas.

**Palavras-chave:** jornalismo, editorias, narrativa, relações sociais

---

*“Vêm-se menos a planta e o animal em sua unidade orgânica que pelo recorte visível de seus órgãos. Eles são patas e cascos, flores e frutos, antes de serem respiração ou líquidos internos”. (Michel Foucault, 2002:188)*

A análise do modelo de editorias dos jornais impressos adquire importância diante da atual crise desses veículos de informação – mais visível nos Estados Unidos e nos países europeus, mas que também atinge outros países, como o Brasil –, agravada pela consolidação da Internet como espaço de busca e troca de informações. Há algum tempo, analistas e consultores alertam para o fim dos impressos e muito se tem especulado sobre o assunto, com destaque para a edição do semanário britânico *The Economist* que pergunta, na capa do dia 24 de agosto de 2006, “Quem matou o jornal?”. A revista traz um editorial homônimo e um longo artigo intitulado “Mais mídia, menos notícia”, para tratar, de modo nada promissor, do futuro dos jornais impressos e de sua relação com a Internet.

---

\* Trabalho de Iniciação Científica apresentado ao GT de Jornalismo, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste.

\*\* Estudante do 8º período de Comunicação Social – Jornalismo da UFRJ, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq) e membro do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da ECO/UFRJ. E-mail: [gabynora\\_nit@yahoo.com.br](mailto:gabynora_nit@yahoo.com.br).

\*\*\* Professora da ECO/UFRJ, pesquisadora do CNPq, escritora, jornalista e coordenadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da ECO/UFRJ.



Da mesma forma, em texto publicado no *Observatório da Imprensa*, o professor e jornalista Carlos Castilho fala da pressão que os executivos da imprensa têm sofrido de acionistas e anunciantes. Castilho comenta que três dos cinco maiores jornais dos Estados Unidos intensificaram os testes com novas fórmulas de produção, tanto na parte empresarial, como na editorial. Neste sentido, a ação da cadeia de jornais *Gannet*, dona do *USA Today* (o jornal mais vendido naquele país), fornece a dimensão das mudanças: a empresa vai reorganizar toda a sua estrutura de coleta e edição de notícias, integrando as redações de todos os veículos (jornais, rádios e TVs) para que a informação deixe de ser produzida pensando na forma como será distribuída. Com isso, os repórteres e editores deixarão de ser vinculados a um único veículo e passarão a integrar um sistema de informação, no qual cada redação será transformada numa Central de Informações.

Mas as novidades não param aí. A atividade jornalística deixará de ser baseada nas tradicionais editorias de economia, política, internacional, esportes, locais etc para priorizar sete áreas: serviço público, inovação tecnológica, estatísticas, diálogo com leitores, assuntos comunitários, informações personalizadas e produção multimídia.<sup>1</sup>

Tendo em vista todas as transformações em curso e as que ainda virão com a consolidação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, torna-se indispensável não só refletir sobre o futuro dos jornais impressos, mas, principalmente, repensar antigos paradigmas à luz das possibilidades que se colocam. Afinal, como argumenta o experiente Alberto Dines, é de se espantar que “o patronato jornalístico nacional” demonstre perplexidade diante dos desafios narrados pela *Economist* ao futuro dos jornais e, ao mesmo tempo, não tenha incluído no programa do VI Congresso Brasileiro de Jornais, promovido pela ANJ (Associação Nacional de Jornais), questões relativas à Internet e à necessidade de aprimoramento dos textos e de requalificação das reportagens. Segundo Dines, “o desaparecimento do jornalismo cultural em troca da supervalorização do *show business* e a excessiva cadernização que tira dos jornais o seu caráter unitário e cósmico”<sup>2</sup>, são exemplos de assuntos igualmente ignorados, mas que deveriam entrar na pauta do Congresso.

Da mesma forma, acredita-se que o universo de perspectivas que se desenha para os próximos anos abre espaço para discussões que vão muito além das

---

<sup>1</sup> CASTILHO, Carlos. *A imprensa americana vira laboratório de experiências*. In: Código Aberto, Observatório da Imprensa. Publicado em: 13 de novembro de 2006. Disponível em: [http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id\\_blog=2&id=253303E2-518E-46DA-857E-E85ED3FB5ED5](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id_blog=2&id=253303E2-518E-46DA-857E-E85ED3FB5ED5)

<sup>2</sup> DINES, Alberto. *Frente ampla contra os jornais de qualidade*. In: *The Economist*, PT e Patronato, Observatório da Imprensa. Publicado em: 29 de agosto de 2006. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=396JDB001>



preocupações técnico-mercadológicas. O contexto de mudanças – com o desenvolvimento de novas formas de produção e distribuição de informações – favorece o debate acerca da atividade jornalística e da função social que ela cumpre (ou deveria cumprir). Ou seja, vislumbra-se como horizonte de pesquisa e reflexão, o papel do jornalismo enquanto mediador das relações sociais e organizador dos fatos cotidianos.

É neste contexto que se pretende refletir sobre a lógica de organização dos jornais impressos segundo o modelo de editorias. Tal proposta surgiu no âmbito do projeto *Comunicação, Comunidade e Humanismo Prático* (2005-2006), desenvolvido pelo Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC), com o objetivo de avaliar como é elaborado o material informativo sobre as comunidades à margem da cidade “incluída”, isto é, da cidade definida pela mais alta distribuição de renda e pela proximidade com os serviços públicos essenciais. No intuito de mapear como a mídia tem representado tais comunidades, foram analisados dois jornais impressos de grande circulação nacional – O Globo e a Folha de São Paulo – e um de circulação expressiva no estado do Rio, sobretudo junto às parcelas mais pobres da população – O Dia<sup>3</sup>.

A fim de verificar como a disposição dos textos jornalísticos em editorias insere-se no modelo de narrativa hegemônica e contribui para a criação e preservação de estereótipos sociais, foram analisados exemplares do jornal O Globo, no período de outubro de 2005 a fevereiro de 2006. Ao longo destes cinco meses, foram selecionadas 645 matérias referentes às comunidades pobres do Rio de Janeiro.

### **A representação por editorias: seleção, classificação e construção de realidade**

Em “As Palavras e as Coisas”, o filósofo francês Michel Foucault (2002) trata sobretudo de uma ‘história da semelhança’. O seu objetivo é verificar as condições sob as quais o pensamento clássico pôde refletir as relações de similaridade ou de equivalência que fundam e justificam as palavras, as classificações e as trocas. Logo no prefácio do livro, o autor fala de sua motivação para escrever tal obra. Trata-se de repudiar um texto de Borges que cita ‘uma certa enciclopédia chinesa’, cuja taxinomia será duramente criticada por Foucault. A enumeração e classificação dos animais, presente em Borges, gera um certo mal-estar em Foucault, uma vez que, a partir de então, ele começa a suspeitar de que

---

<sup>3</sup> Os jornais foram analisados de agosto de 2005 a fevereiro de 2006, seguindo um esquema de rodízio entre os cinco bolsistas do Laboratório.

há desordem pior que aquela do incongruente e da aproximação do que não convém; seria a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito; e importa entender esta palavra no sentido mais próximo de sua etimologia: as coisas aí são “deitadas”, “colocadas”, “dispostas” em lugares a tal ponto diferentes, que é impossível encontrar-lhes um espaço de acolhimento, definir por baixo de umas e de outras um lugar-comum. (FOUCAULT, 2002: XII)

Para o intelectual francês, traçar o limite entre a diferença e a similitude é tarefa indispensável ao estabelecimento da mais simples ordem. A ordem é, portanto, para Foucault, aquilo que ao mesmo tempo se oferece nas coisas como sua ‘lei interior’ e aquilo que só existe através do crivo de um olhar, de uma atenção, de uma linguagem.

A obra foucaultiana revela que há uma disposição fundamental do saber para ordenar o conhecimento dos seres segundo a possibilidade de representá-los num sistema de nomes. (FOUCAULT, 2002: 218) Analogamente, pode-se dizer que os jornalistas agem com os fatos transformados em notícias da mesma forma como o saber procede com os seres: classificando-os, separando-os, ordenando-os.

A atividade do jornalista não pode, portanto, ser reduzida apenas à técnica. É o que defende o professor Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr., ao argumentar que na elaboração do noticiário, os jornalistas utilizam-se de “procedimentos de seleção e combinação, mediante unidades que, articuladas, vão se transformar em mensagens, ou, de um modo mais abrangente, em discursos sociais”. (PEREIRA Jr., 2000: 57)

As notícias – socialmente produzidas e condicionadas ao contexto histórico-social da produção e às relações organizacionais, econômicas e culturais – pautam os assuntos e conversas da sociedade. Tal como prevê a hipótese do *agendamento*, segundo a qual a mídia, através da disposição e da incidência de suas notícias, determina os temas para os quais o público destinará a sua atenção.

O *agenda-setting* é consideravelmente mais que a clássica asserção que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias também nos dizem como pensar nisso. Tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são os poderosos papéis do *agenda-setting*. (McCOMBS & SHAW apud PEREIRA Jr., 2000: 76)

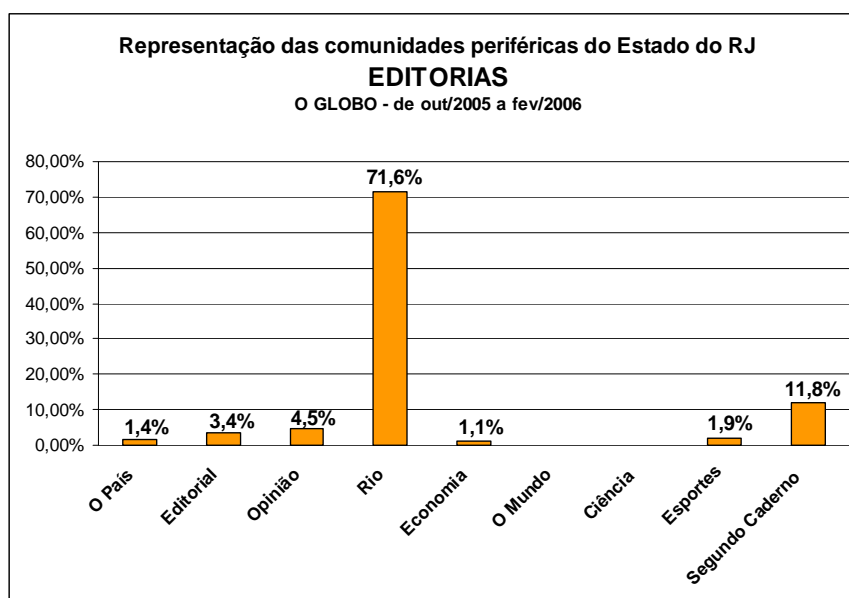
A socióloga norte-americana Gaye Tuchman afirma que o objetivo declarado de qualquer órgão de informação é fornecer relatos de acontecimentos significativos e interessantes à população (TUCHMAN apud PEREIRA Jr., 2000: 79). Essa função aparentemente simples torna-se, contudo, bastante complexa diante da *superabundância de acontecimentos* que as empresas jornalísticas têm que selecionar. É por esta razão

que, segunda a autora, as empresas tentam impor uma ordem no espaço, que tem como consequência fundamental a imposição de uma ordem no mundo social.

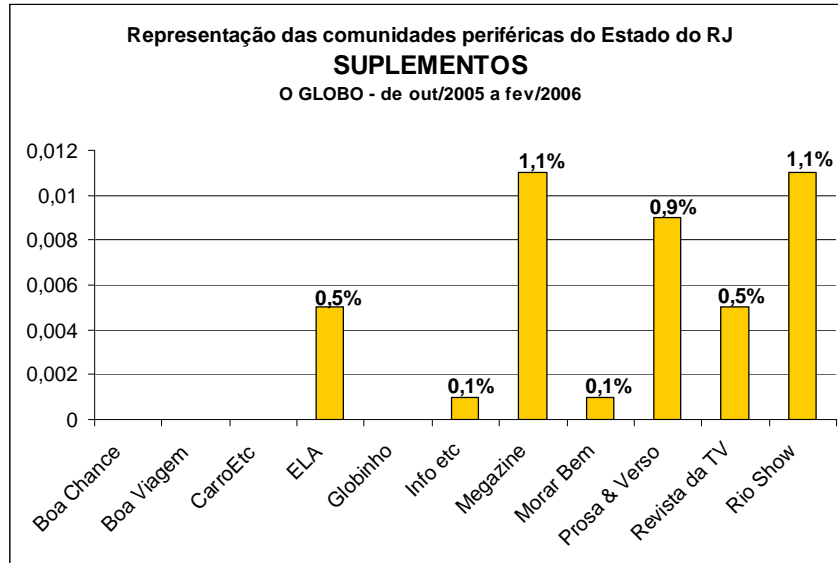
Assim, de acordo com Tuchman, a imprensa lança uma rede para *capturar* os acontecimentos, utilizando-se de três estratégias para cobrir o espaço: 1) *territorialidade geográfica*, a partir da qual o mundo é dividido em áreas de responsabilidade territorial; 2) *especialização organizacional*, cuja finalidade é deslocar repórteres para cobrir as organizações que, do ponto de vista jornalístico, produzem acontecimentos noticiáveis; 3) *especialização temática*, que define a existência de seções específicas nos jornais – as editorias e Cadernos de suplementos.

A partir dos gráficos I e II, pode-se observar que de um total de 645 textos jornalísticos analisados – entre notícias, reportagens, artigos, crônicas, notas, etc. –, 462 (71,6%) foram publicados na editoria Rio. Somados, as demais editorias e suplementos do jornal publicaram não mais do que 28,4% das matérias consideradas, isto é, 183 textos jornalísticos, com destaque para o Segundo Caderno, de onde foram extraídas 76 matérias (11,8%).

**Gráfico I: Editorias**



**Gráfico II: Suplementos**



As comunidades socialmente excluídas do Rio de Janeiro são representadas maciçamente no Caderno destinado aos acontecimentos do estado. No entanto, o fato de se ter trabalhado com grupos marginalizados do Rio não justifica um percentual tão baixo ou mesmo nulo de inserções em outros Cadernos e suplementos.

A editoria Rio é marcada principalmente por notícias sobre violência, tráfico de drogas e questões sócio-econômicas e estruturais do estado, de modo que, quando representadas nesta seção do jornal, as comunidades periféricas aparecem sobretudo como local de criminalidade. Os conflitos entre traficantes e entre esses e a polícia, os roubos, assaltos e perseguições dominam o noticiário sobre os espaços populares. A complexidade das relações e da vida das comunidades é reduzida e torna-se praticamente impossível imaginá-las em outra editoria ou suplemento do jornal.

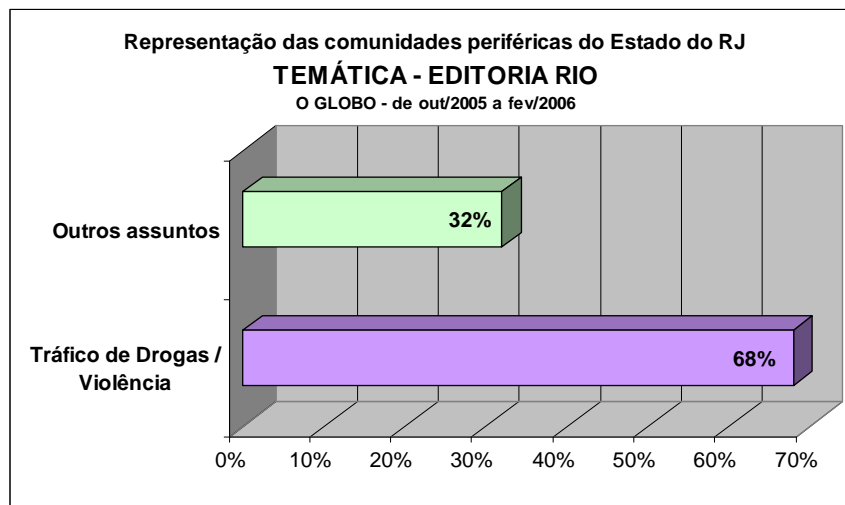
A partir da leitura dos gráficos anteriores, pode-se refletir sobre a disposição dos textos jornalísticos em editorias e sobre o fato de a representação das comunidades periféricas ser feita em grande parte na editoria Rio. É certo que a divisão do jornal por editorias facilita a leitura e a organização da informação, contudo, ela deixa explícita a dificuldade dos jornais de cruzarem as informações, de inter-relacionarem os acontecimentos, em textos que reflitam a interdependência das diversas áreas e atividades sociais.

Em outras palavras: o jornal separa, isola e enquadra de tal maneira os fatos que é difícil perceber que ele trata de uma mesma comunidade quando ela aparece na editoria Rio e nas páginas de cultura do Segundo Caderno e do Prosa & Verso, por

exemplo. Como os textos jornalísticos – independentemente de ressaltarem os aspectos negativos ou positivos dos espaços populares – geralmente concentram-se numa pessoa ou num grupo específico, a percepção da comunidade como um todo, em sua diversidade, é ainda mais prejudicada. Não obstante, permanece a imagem negativa das populações socialmente excluídas, reforçada pela cobertura estereotipada e pelo fato de a mídia privilegiar os aspectos negativos dessas comunidades.

No gráfico III, é possível visualizar o quanto a temática “tráfico de drogas/violência” predomina sobre os demais assuntos, quando se considera a representação das comunidades pobres do Rio de Janeiro. Das 462 matérias selecionadas, publicadas na editoria Rio, 314 (68%) trataram de questões relacionadas ao tráfico de drogas e/ou à violência. Logo, é possível apontar que o jornal apresenta uma deficiência na cobertura de outros assuntos concernentes às comunidades periféricas.

**Gráfico III: Temática – Editoria Rio**



### **Supremacia da imagem negativa: contrastes da segmentação jornalística**

O sociólogo norte-americano Robert Park desenvolveu um estudo sobre a natureza das notícias, a partir do qual concluiu que elas têm como função primordial a construção da coesão social (PARK apud PEREIRA Jr., 2000: 65). Para Park, o noticiário permite que as pessoas fiquem sabendo o que se passa em volta delas para tomarem atitudes e, através de suas ações, construïrem uma identidade comum. No entanto, nem sempre é o que se constata. Ao contrário de determinarem ações em torno



de um bem comum, os noticiários pautados sobretudo pela exploração da miséria, da violência e do sensacionalismo, provocam reações no sentido de um maior afastamento entre os diferentes grupos sociais. Em oposição à coesão de Park, consolida-se uma brutal fragmentação social.

O professor Belarmino César da Costa defende que a imprensa, em seu processo de apuração, seleção e publicação de notícias, legitima o universo de preocupação das classes dominantes como comum a toda sociedade. Para Costa, além de produzir fatos, a imprensa direciona o interesse social e define a versão histórica da realidade, constituindo-se, o jornalismo, em uma atividade essencialmente ideológica.

Em seu estudo, o professor Belarmino da Costa trata da exploração do caráter sensacional e da anormalidade dos fatos noticiosos, lembrando que, ao longo do seu processo de construção, a notícia caracteriza-se pelo acontecimento que foge à rotina. Daí, conclui ele, a tendência do jornalismo em dedicar maior espaço a notícias negativas e a exploração do sensacionalismo. É o algo “anormal”, descrito por Marcondes Filho (1989, apud DA COSTA, 1994: 136), que provoca(ria) uma reação imediata do público por ser extraordinário e incomum.

No entanto, as notícias negativas são uma constante no noticiário; aquilo que era para ser extraordinário pauta, ordinária e diariamente, os grandes jornais e demais veículos de comunicação. Vive-se num mundo extremamente banalizado, já que as pessoas são expostas a estímulos repetidos e semelhantes, que não mais as afetam, não as sensibilizam. Acostumam-se, de certa forma, a viver e a conviver com o mal, com a violência, com as injustiças sociais e com os escândalos políticos e econômicos. E é justamente isso que impossibilita uma reação imediata dos indivíduos: a banalização do mal que, segundo a filósofa Viviane Mosé, nada mais é do que a indiferença.

Estar indiferente é abandonar toda tentativa de interferir nas coisas, de mudar; o que acaba tornando a violência, a corrupção, o desrespeito, um hábito. [...] O que choca, hoje, no Brasil, não é tanto a quantidade de crimes e escândalos políticos que vemos todos os dias nos jornais, mas a absoluta indiferença com que reagimos a tudo isso. Talvez este seja um sinal de um desejo de destruir o que não temos coragem de transformar.<sup>4</sup>

Para além da banalização, um noticiário que explora os aspectos negativos da realidade, apelando para o emocional e para a percepção direta dos fatos, favorece, segundo Belarmino da Costa, a inserção, ainda que inconsciente, de preconceitos e

---

<sup>4</sup> *Ser ou não ser: ética X indiferença*. Rede Globo: Fantástico, 29 de outubro de 2006.



estereótipos sociais. Impressões da realidade que ficam apenas no plano da sensação, sem a devida contextualização e abordagem crítica dos acontecimentos narrados.

Outrossim, é preciso estar atento ao fato de que o processo de fragmentação dos conteúdos e a distorção da realidade são inerentes à própria técnica de estruturação da notícia (DA COSTA, 1994: 137). Este pensamento é compartilhado por diversos autores que trabalham com a hipótese da fragmentação da notícia como uma técnica mercadológica e consideram que, como qualquer outro produto, a notícia está sujeita aos processos de mercantilização do capitalismo.

A desvinculação da notícia de seu fundo histórico-social e o seu surgimento nos veículos de comunicação como um dado imediato sugere, de certa maneira, uma permanente sensação de transitoriedade dos fatos, como se fossem mercadorias que logo devem ser consumidas ou substituídas. (DA COSTA, 1994: 139)

Logo, pode-se inferir que a segmentação do “produto jornal” em editorias está também ela atrelada à lógica de fragmentação da produção industrial, cujo pressuposto é a divisão do trabalho e a alienação do trabalhador no que tange à dinâmica total do processo produtivo. Não se podem ignorar as benesses da chamada linha de montagem, em especial as vantagens advindas da otimização do tempo e da força de trabalho, enfim, da capitalização crescente de lucros. No entanto, ao lidar com informação e, conseqüentemente, com construção de realidade social, deve-se atentar para as conseqüências da industrialização da comunicação.

O resultado da apresentação fragmentária e dissociada dos fatos jornalísticos é a ‘descomplexização’ das relações sociais, ou o que Belarmino da Costa chama de “perda da dimensão de totalidade”. Não bastasse isso, as técnicas de produção da notícia produzem uma falsa uniformidade, uma coerência interna que, na maioria das vezes, não corresponde àquilo que é representado. É por isso que o professor alerta que a ciência e a técnica, quando aplicadas à produção do noticiário, acabam, em si mesmas, transformando-se em ideologias da estrutura societária capitalista, uma vez que, “a ‘positivização’ dos fatos em notícia e sua prática unidimensional de representar a realidade contribuem para legitimar uma visão ahistórica, sem contradições, do mundo e dos movimentos sociais [...]” (DA COSTA, 1994: 145)

O sociólogo francês Edgar Morin classifica a ideologia, do ponto de vista informacional, como um sistema de idéias que atua no sentido de controlar, acolher e rejeitar a informação. Para Morin, ao traduzir o mundo em idéias, a ideologia coloca-se entre ele e os seres humanos:

Em relação às coisas sobre que não temos opinião formada ou preconceito, somos abertos às informações. Mas quando não temos estrutura mental ou ideológica capaz de assimilar ou situar a informação, ela torna-se ruído. Por outro lado, nos casos em que dispomos de idéias firmes e arraigadas, somos muito receptivos quanto às informações que as confirmam, mas muito desconfiados para com aquelas que as contrariam. (MORIN apud HENN, 2002: 37)

O professor francês Maurice Mouillaud alerta, entretanto, que o discurso do jornal não está solto no espaço, mas sim envolto num *dispositivo* – numa matriz na qual se inscrevem os textos – que, por sua vez, não é uma simples entidade técnica, estranha ao sentido. Mouillaud explica que o texto e o dispositivo são geradores um do outro, constituindo uma relação dinâmica, na qual a pressão dos textos pode, por exemplo, deformar o dispositivo ou, até mesmo, fazê-lo implodir. Tal fato ocorre quando se está diante de acontecimentos de incontestável importância e/ou impacto social, como as guerras mundiais, as grandes revoluções político-sociais, a morte de pessoas ilustres, etc; acontecimentos que podem deformar o jornal conforme a rigidez de sua estrutura.

Desta forma, para o autor, há “uma rede que não impõe ao mundo apenas uma interpretação hegemônica dos acontecimentos, mas a própria forma do acontecimento” (MOUILLAUD, 2002: 32) – um tipo de hegemonia mais invisível e radical do que aquela da interpretação dos fatos; a hegemonia da ‘colocação em fatos’.

É neste sentido que o pesquisador italiano Giorgio Grossi trata da informação enquanto construção da realidade social. Para Grossi, “o processo informativo contribui para *descontextualizar* um acontecimento, para destacar um acontecimento do contexto em que se produziu, e se poder *recontextualizá-lo* nas formas informativas” (GROSSI apud SAPERAS, 2000: 142), de modo que a dinâmica de descontextualização/recontextualização determina o fenômeno de construção da realidade para o qual está orientada a atividade dos jornalistas.

Os gráficos IV, V e VI fornecem a dimensão da abordagem, em termos positivos e negativos, realizada pelo jornal O Globo com relação às comunidades socialmente excluídas do Rio de Janeiro. Entende-se que o tratamento é negativo quando a comunidade é representada apenas pelo discurso da ausência, como argumentam os coordenadores do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, Jailson de Souza e Jorge Luiz Barbosa:

O eixo da representação da favela é a noção de ausência. Ela é sempre definida pelo que não teria: um lugar sem infra-estrutura urbana – sem



água, luz, esgoto, coleta de lixo –, sem arruamento, sem ordem, sem lei, sem moral e globalmente miserável. Ou seja, o caos<sup>5</sup>.

Todas as matérias pautadas pela temática do tráfico de drogas/violência, bem como aquelas que, de uma forma ou de outra, priorizavam as mazelas das comunidades, destacando os seus problemas estruturais, econômicos e sociais, sem atentarem para a devida contextualização dos fatos, foram enquadradas no grupo da abordagem negativa. Matérias incapazes de perceber a comunidade como um grupo social heterogêneo, complexo, porque formado de pessoas. Cidadãos que convivem num mesmo território, mas que não necessariamente protagonizam histórias iguais, apesar de sofrerem a mesma estigmatização por morarem em áreas cotidianamente representadas por aquilo que têm de pior.

A crítica a uma abordagem essencialmente negativa não põe em questão a veracidade dos fatos narrados, mas antes, visa chamar a atenção para o modo como os textos jornalísticos são publicados: segundo quais pontos de vista, servindo a quais interesses e com qual destaque e frequência temática. Não se pode negar, por exemplo, a existência da criminalidade nas favelas, nem tampouco que a expansão destas áreas afeta significativamente as atividades econômicas do estado, aumenta a insegurança da população e compromete a preservação ambiental. Mas por quê um noticiário pautado majoritariamente por este tipo de discurso?

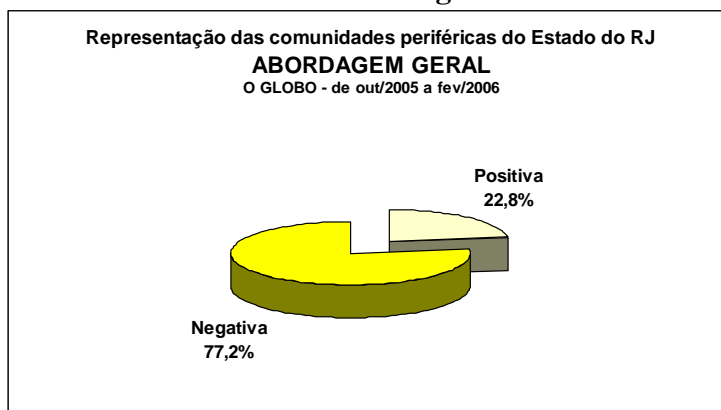
A mídia de uma forma geral, e não apenas O Globo, procura, sempre que possível, destacar a violência e o ambiente hostil das comunidades pobres. Assim, os veículos de comunicação priorizam os aspectos negativos da realidade social desses grupos e concedem maior visibilidade aos acontecimentos e pessoas que representam ameaça, que põem em risco a população abastada. Como consequência, constata-se o surgimento de uma sociedade cada vez mais fragmentada, cujas relações são a todo o momento atravessadas pelo discurso da mídia.

O jornal, com todas as suas editorias e suplementos, oferece o que se denomina de “Abordagem Geral”. Como já foi dito, e pode ser percebido através da leitura do gráfico IV, o periódico valoriza os aspectos negativos das comunidades periféricas. De um total de 645 matérias, 498 (77,2%) passavam uma imagem negativa das comunidades, enquanto que 147 (22,8%) tratavam de seus aspectos positivos.

---

<sup>5</sup> SOUZA, Jailson de & BARBOSA, Jorge Luiz. *Favela: alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

### Gráfico IV: Abordagem Geral



Por outro lado, na análise apenas da editoria Rio (gráfico V), a diferença na abordagem de aspectos positivos e negativos aumenta consideravelmente. Das 462 matérias publicadas nesta editoria, apenas 44 (9,5%) tiveram como foco acontecimentos que ressaltavam aspectos positivos das comunidades pobres cariocas. Foram consideradas matérias de abordagem positiva aquelas que tratavam de manifestações e comemorações pacíficas na comunidade, da reivindicação de movimentos sociais, do trabalho realizado por grupos artísticos, da visita de artistas e celebridades às comunidades e da participação da comunidade em projetos sócio-culturais.

Dentre as 418 (90,5%) matérias de abordagem negativa, 69 tratavam da *favelização* no estado do Rio. Ainda que algumas delas trouxessem opiniões contrárias à remoção, ou propiciassem algum tipo de reflexão mais profunda sobre o tema, foram consideradas no grupo da abordagem de aspectos negativos; porque inseridas em uma série de reportagens (*Illegal. E daí?*) que, de um modo geral, tratavam as favelas como entraves ao desenvolvimento do estado. Seguindo este mesmo raciocínio, notícias sobre desastres provocados por fortes chuvas e sobre a possibilidade de um surto de Dengue no Rio, foram consideradas igualmente no grupo das matérias de abordagem negativa.

### Gráfico V: Abordagem – Editoria Rio

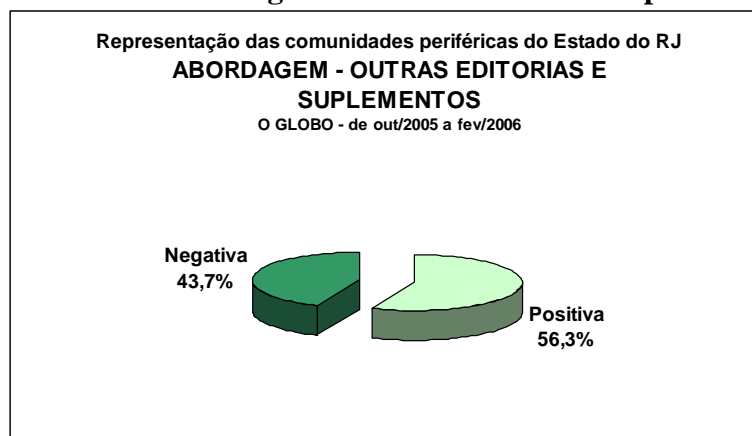


O quadro muda significativamente quando se verifica a abordagem em outras editorias e suplementos do jornal (gráfico VI). À primeira vista, logo se percebe que os aspectos positivos superam os negativos. No entanto, se simplesmente uma inversão, não haveria ganho algum. Pelo contrário, a abordagem do noticiário estaria igualmente equivocada, porque caracterizada por uma representação que negligenciaria os acontecimentos negativos nas comunidades periféricas. Desta forma, entende-se que o diferencial mais importante do gráfico abaixo reside na situação de relativo equilíbrio entre as abordagens positiva e negativa. Isto porque nenhuma realidade é essencialmente boa ou ruim, positiva ou negativa.

Tal argumentação não pretende defender um noticiário no qual as matérias positivas sobre as comunidades pobres anulassem o conteúdo das negativas ou vice-versa. A intenção é apenas a de refletir sobre a tamanha discrepância entre o número de matérias de abordagem positiva e negativa publicadas na editoria Rio e sobre as bruscas variações, em termos de temática tratada e de abordagem, quando se considera o jornal como um todo ou em partes, segundo a divisão por editorias e suplementos.

Das 183 matérias publicadas fora da editoria Rio, 103 (56,3%) foram enquadradas no grupo das de abordagem positiva. Além das situações anteriormente mencionadas como típicas de uma abordagem positiva, consideram-se as críticas literárias, as matérias sobre filmes que tinham como foco as comunidades pobres e os editoriais denominados “Outra Opinião” – não assinados pelo jornal e, portanto, contrários às remoções –, como pertencentes a este grupo, uma vez que estimulavam o debate de idéias e contribuía para questionar a imagem essencialmente negativa das comunidades pobres.

**Gráfico VI: Abordagem – outras Editorias e Suplementos**





Em um período marcado pela proliferação de mensagens – e pontos de vista – nos mais diversos meios e em velocidade quase que instantânea, a mídia impressa, mais do que nunca, precisa reestruturar-se. Por esta razão, esse trabalho assume a hipótese de que não é mais possível sustentar um modelo de jornalismo cuja organização tem como pressupostos a seleção, a classificação e o enquadramento. Acredita-se, portanto, que é fundamental, no contexto da Sociedade Digital, repensar o modelo de editorias sob o ponto de vista da fragmentação da realidade social.

## Referências Bibliográficas

- DA COSTA, Belarmino César G. “Jornalismo Impresso: conceito de notícia e a técnica de fetichização dos fatos”. In: MARQUES DE MELO, José (org.). *Transformações do Jornalismo Brasileiro: ética e técnica*. São Paulo: Intercom, 1994. p.133-156.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1ª ed. 1966].
- HENN, Ronaldo. *Os fluxos da notícia*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2002. p.13-38.
- MOUILLAUD, Maurice. “Da Forma ao Sentido”. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. (Coleção Comunicação, 2). p. 29-35.
- \_\_\_\_\_. “A Informação ou a Parte da Sombra”. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. (Coleção Comunicação, 2). p. 37-47.
- \_\_\_\_\_. “A Crítica do Acontecimento ou o Fato em Questão”. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. (Coleção Comunicação, 2). p. 49-51.
- PAIVA, Raquel. *O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- PEREIRA Jr., Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 41-83.
- SAPERAS, Enric. *Os efeitos cognitivos da comunicação de massa – as recentes investigações em torno dos efeitos da comunicação de massas*. Tradução: Fernando Trindade. Lisboa: ASA Editores, 2000. p. 137-154.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.